

“Na batalha”: história de vida e corporalidade travesti

“In the battle”: life history and corporality transvestite

EDMAR HENRIQUE DAIRELL DAVI – USP/SP

MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS – USP/SP

CLAUDIENE SANTOS – UFS/SE

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender os significados e os sentidos que uma travesti profissional do sexo atribui à transformação de sua corporalidade ao longo de sua trajetória de vida. Em busca do corpo perfeito, as travestis cruzam as fronteiras dos gêneros criando uma sintaxe erótica *sui generis*. A fim de compreender este fenômeno, buscamos nas discussões de gênero e no método fenomenológico o suporte para analisarmos e compreendermos a vivência de uma travesti de 38 anos de idade pertencente à classe D. A análise compreensiva apontou quatro categorias: “Vivências iniciais”; “Fazendo o corpo”; “O corpo na pista”; e “Horizontes”. Estas categorias nos viabilizaram a compreender a corporalidade travesti como o substrato de uma subjetividade peculiar e subversiva. Ao se equilibrar entre o feminino e o masculino, a dor e o prazer, as travestis reivindicam a existência de um ethos específico, refletido no seu corpo vivo.

Palavras-chave: Gênero. Travestis. Corpo. Fenomenologia.

ABSTRACT

The objective of the present study is to understand the meanings a sex professional transvestite attributes to her body transformation along her life trajectory. In their search for a perfect body, transvestites cross the gender borders creating a *sui generis* erotic syntax. To understand the phenomenon, we seek in the discussions on gender and in the phenomenological method support to analyze and understand the life experiences of a 38-year-old transvestite who belongs to class D. Our analyses conformed four categories: “Initial experiences”; “The make of the body”; “The body in the street”; and “Horizons”. These categories help us to understand the transvestite body as substratum of a peculiar and subversive subjectivity. Balancing between masculine and feminine, pain and pleasure, transvestites demand a specific ethos, reflected in their live body.

Keywords: Gender. Transvestites. Body. Phenomenology.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é compreender os significados e sentidos que uma travesti profissional do sexo atribui à transformação de sua corporalidade ao longo de sua trajetória de vida. Excluídas da sociedade ao longo de muitos anos, as travestis vêm gozando de maior visibilidade nos dias atuais. Seja através da televisão ou da internet, a notoriedade do ser travesti aparece com mais assiduidade em nosso cotidiano (PELÚCIO, 2011). Elas se tornaram objeto de interesse acadêmico exatamente pelo fato de desnaturalizarem a noção de gênero, evidenciando a possibilidade de esta categoria ser entendida como fruto de um processo de elaboração coletiva, formada pela relação que determinadas comunidades estabelecem com o sistema de gêneros presente em uma dada sociedade (GARCIA, 2009). As travestis são referidas na literatura recente pelo termo “transgênero”, que se refere a modalidades de experiências e subjetividades nas quais se insere a ambiguidade de gêneros. Elas se aliam aos/às transexuais, às *dragqueens*, às transformistas e aos *cross-dressers* na medida em que criam identidades sociais não facilmente classificáveis como masculinas ou femininas (DUQUE, 2011). É essa ambiguidade que chama a atenção nas travestis e, muitas vezes, suscita contra elas o preconceito e a violência.

Se em períodos anteriores, como nos anos de 1950 e 1960, o travestir-se estava resguardado aos bailes de carnaval, hoje as travestis se mostram nas calçadas e avenidas à luz do dia. Como diz Hélio Silva (2007, p. 20): “O que o travesti histórico suscita não era apenas o deboche, mas também um sentimento de mistério e um ambíguo respeito, sobretudo quando o papel teatralizado era convincente e bem desempenhado, quando, enfim, o personagem realmente confundia”.

Para Judith Butler (2000), as travestis seriam vistas como seres “abjetos”, pois extrapolam as configurações da sexualidade ditada pelas regras, que são estruturadas pela inteligibilidade cultural. Essa abjeção é uma consequência da forma como o sistema de gêneros nas sociedades ocidentais se organiza a partir do que a autora denomina “matriz heterossexual”. Tal matriz reflete o entendimento da masculinidade e da feminilidade como sendo dicotômicas e opostas e na concepção de que estas entidades se atraem mutuamente, uma vez que o desejo é entendido como sendo heterossexual.

Neste sentido, vários elementos marcaram a vivência das travestis nas duas últimas décadas do século XX e no início do século XXI. De maneira sucinta, podemos destacar a permanência da violência e da discriminação, o advento da AIDS e as políticas preventivas, a explosão do consumo LGBT, a organização e visibilidade do movimento homossexual bem como a cristalização da identidade travesti (FACCHINI, 2005). Com o aumento do número de travestis trabalhando na prostituição e no mercado do sexo em geral, criou-se uma cultura específica que constituirá, dentro do movimento gay, uma pauta particular de reivindicação de direitos.

A ligação com a prostituição é o que vai marcar a imagem das travestis. No entanto, é preciso

destacar que nem todas as travestis atuam no mercado do sexo. O ser travesti na atualidade está baseado em diversas práticas e experiências que assumem diferentes significados e status, levando alguns autores (PELÚCIO, 2009; PERES, 2004) a utilizarem o termo travestilidade opondo-se a travestismo, este último ligado a conceitos médicos-psiquiátricos.

Para Peres (2004, p. 120), a **travestilidade** contempla “a imensa complexidade das formas de expressão travesti existentes, considerando a heterogeneidade dos modos de ser no mundo que é configurado pela subcultura travesti”. A travestilidade compreende, então, a utilização de um complexo sistema de *techniques du corps* (LE BRETON, 2011) para a aquisição de um novo corpo e, conseqüentemente, de uma nova identidade. Sua mobilidade em diferentes esferas do gênero e da sexualidade permite às travestis transitarem por uma multiplicidade de discursos sobre as posições de sujeito disponíveis na sociedade.

Em momento algum se pretende aqui sugerir que a prostituição e a travestilidade sejam indissociáveis. Para Pelúcio (2009), entretanto, a opção por pensar a travestilidade recortada pela vivência na prostituição é legítima, tanto mais quando se observa que o universo das ruas (a pista) é fundamental na construção da pessoa travesti; é onde ocorre, por exemplo, o processo de **amadrinhamento**, que potencializa as transformações realizadas no fazer-se travesti.

Ainda conforme Pelúcio (2009), no caso das travestis, a prostituição pode ser entendida de diversas formas, entre as quais como: 1) um trabalho que gera renda e possibilita um ambiente de sociabilidade; 2) uma maneira de ascender socialmente com a garantia de conquistas materiais e simbólicas; 3) uma atividade “desprestigiada”, em que estariam envolvidas somente por necessidade econômica e da qual sairiam assim que possível. Importa ressaltar que tais posicionamentos não são estanques e/ou definitivos e sim percepções que se entrecruzam e dialogam.

Pensando a travestilidade para além da prostituição, diversas pesquisas têm destacado a saúde e o corpo das travestis e seu acesso à educação, ao trabalho formal, à busca de seus direitos e respeito à sua cidadania. Além das pesquisas, projetos de intervenção realizados por Organizações Não Governamentais (ONGs) e por órgãos estatais ampliam o atendimento a esta população (ROMANO, 2008; TEIXEIRA; ROCHA; RASERA, 2012).

No contato com as travestis, tem-se buscado criar dispositivos para a redução de danos causados pelas drogas lícitas e ilícitas e pelo uso de hormônios e silicone industrial, dentre outras substâncias que afetam a saúde física e mental desse grupo. A discriminação e a acirrada competição no mercado do sexo fazem com que as profissionais busquem alternativas para “incrementar” seus corpos na perspectiva de atraírem mais clientes. Dessa forma, os danos causados por produtos para modificar o corpo, dentre eles o silicone industrial e os hormônios, também passaram a fazer parte de vários projetos e estudos, na medida em que as travestis bem como muitas profissionais do sexo e michês iniciam o uso

destas substâncias cada vez mais jovens. Projetos de redução de danos e pesquisas para compreender o uso dessas substâncias entre as travestis contribuem para alertar a respeito dos riscos das intervenções sobre o corpo (TEIXEIRA, 2008).

Marcos Benedetti (2005), que analisou o processo de construção do corpo travesti nas ruas de Porto Alegre, destaca as substâncias, as técnicas e os problemas que surgem quando as travestis buscam transformar seus corpos na busca de um feminino idealizado. Para o autor, o hormônio aparece como fundamental para a construção da travestilidade, pois é essa substância que, ao misturar-se ao sangue, instaura outra condição no corpo: “a condição de travesti”. Para as travestis, o hormônio se confunde com qualidades atribuídas simbólica e biologicamente ao sangue. Ele arredonda as formas, reduz os pelos, suaviza a voz etc. Ao entrar no sangue e circular pelo corpo, essa substância confere à travesti os atributos desejados da feminilidade e também os indesejados: abre o apetite e reduz o desejo sexual.

Se o uso de hormônios para feminilizar o corpo tem uma história já antiga no mundo das travestis, o silicone tem uma trajetória relativamente recente. Considerando o uso generalizado e sua importância na vida das travestis; é difícil acreditar que o silicone seja um fenômeno novo no Brasil. Don Kulick (2008) afirma que as primeiras injeções de silicone aconteceram na cidade de Curitiba em 1981. Uma travesti havia trabalhado em Paris e trouxe vários litros para injetar nas travestis brasileiras. Contudo, o autor aponta que o silicone trazido da França naquela ocasião não era do tipo industrial usado hoje, mas um produto extraído de “algas marinhas”.

O silicone industrial difere do silicone cirúrgico por não ser estéril nem puro. É largamente utilizado na indústria para as mais diversas finalidades, como na fabricação de painéis de automóveis e, na construção civil, como material de vedação. Não é difícil imaginar as sérias consequências à saúde que podem advir da injeção dessa substância, impura, diretamente no corpo.

O silicone comprado pelas travestis tem o aspecto de um líquido oleoso, grosso, incolor e inodoro. Sua viscosidade faz com que as injeções no corpo humano sejam difíceis. As travestis que trabalham como “bombadeiras” costumam usar agulhas veterinárias da espessura de uma ponta de lápis. E é preciso usar toda a força para empurrar o silicone no corpo daquelas que pagaram pelo serviço de “bombardar” (PELÚCIO, 2009).

“Ser travesti” é um processo, nunca se encerra (PELÚCIO, 2009). Construir um corpo e cuidar dele é uma das maiores preocupações das travestis. Elas estão sempre buscando o que chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”. E não por qualquer mulher, mas por uma mulher bonita e desejável. Conforme Benedetti (2005), se o hormônio é a feminilidade e a beleza que confirma os resultados da feminilização, o silicone é “a dor da beleza”. Mas nem sempre as intervenções podem ser conseguidas em clínicas de cirurgia plástica filiadas ao sistema médico oficial. Então, procura-se o caminho mais conhecido: as “bombadeiras” – em sua maioria travestis também. A elas cabe “fazer o corpo” através da inoculação desse líquido denso e viscoso no corpo de suas clientes – processo doloroso, demorado e arriscado.

Na atualidade, o silicone passa a ser o líquido sagrado para o processo de construção do feminino e, ainda, o material mais eficiente na transformação do corpo. Segundo as travestis, a aplicação do silicone, feita sem anestesia, é uma dor quase insuportável. Essa “dor da beleza” se assemelha a uma ascese necessária para o renascimento de “outra pessoa”. Mas a questão que fica é o preço que elas decidem e aceitam pagar para que possam recriar a si mesmas. Será que a satisfação de ter um corpo “feminino” se sobrepõe aos riscos inerentes a esse processo? E mais: a partir de quais critérios e influências se resolve fazer as intervenções? A quem recorrer quando acontecem os problemas?

Essas e outras questões perpassam esse trabalho e nosso intuito é compreender os significados e os sentidos atribuídos à vivência de uma travesti profissional do sexo no processo de transformação de seu corpo. Fenômeno antigo e complexo, o processo de transformação corporal ganha visibilidade nos dias de hoje. No intuito de compreendê-lo em sua complexidade, nos apoiamos nas discussões de gênero e na perspectiva fenomenológica, uma vez que elas nos oferecem uma visão significativa acerca da experiência humana na relação entre corpo, gênero e sexualidade.

2 MÉTODO

Para compreender os significados e sentidos, que essa travesti atribui ao seu mundo vida, recorreremos à modalidade de pesquisa qualitativa fenomenológica, que nos norteará, de forma criteriosa e pertinente (BRUNS, 2007), para chegarmos ao objetivo proposto nesta pesquisa.

A opção por um método pressupõe uma questão a ser resolvida e envolve determinada concepção ou suposição de realidade, ainda que provisória. Não é possível se falar de método desvinculado do fenômeno de estudo (FURLAN, 2008). Nesse sentido, nossa escolha traduz uma posição em termos epistemológicos e um método de inspiração fenomenológica parece o mais adequado quando se pretende investigar e conhecer o mundo vida do outro. O ato do sujeito de descrever sua história vivida não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida, mas significa, além de tudo, uma forma de existir com-o-outro; significa *com*-partilhar o seu ser-com-o-outro (DUTRA, 2002).

Por ser a fenomenologia um discurso esclarecedor, optamos pela técnica da história de vida focal, guiada por uma questão única e direta, numa linguagem coloquial à compreensão do fenômeno indagado, como estratégia de pesquisa para desvelarmos a vivência de nossa colaboradora acerca do processo de transformação de seu corpo.

É importante ressaltar que a história de vida focal é uma modalidade da história oral; nela, a colaboradora tem maior liberdade para discorrer livremente sobre as suas experiências vividas, o que vai ao encontro do objetivo da pesquisa. Para Daniel Moreira (2004), o método da história de vida focal investiga a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas vivências no decorrer de seu tempo vivido.

2.1 Procedimentos

Entramos em contato com a colaboradora, a quem foi entregue uma carta convidando-a a participar da pesquisa, explicitando o objetivo e solicitando o agendamento da entrevista. Esta foi precedida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que constava a autorização para que a entrevista fosse gravada. Também se aplicou um questionário para traçar o perfil socioeconômico da colaboradora. A entrevista foi realizada em duas sessões com duração média de 50 minutos. Para maior aprofundamento da vivência do mundo vida pela colaboradora, propusemos a um diálogo norteado pela seguinte questão: “Descreva o seu mundo vida afetivo sexual em relação ao processo de transformação de seu corpo”. Esse encontro ocorreu na sede de uma ONG de apoio à população LGBT de uma cidade do interior de Minas Gerais.

2.2 Momentos da análise

Essa descrição foi submetida aos seguintes momentos da análise reflexiva fenomenológica proposta por Bruns (2007): o primeiro momento consiste na transcrição e releituras da descrição, com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno estudado. O momento seguinte é marcado pela intenção de caminhar para a elaboração da discriminação das unidades de significado, as quais são extraídas após as releituras da descrição, tendo em vista que não existem por si mesmas, mas somente em relação à interrogação que o pesquisador dirige ao fenômeno interrogado. O terceiro momento se dá após a obtenção das unidades de significado, quando o pesquisador busca agrupá-las em temas ou categorias que expressam o *insight* psicológico nelas contido, ou seja, é a transformação da linguagem coloquial da descrição para o discurso psicológico. Neste momento, cabe ao pesquisador escolher a abordagem teórica que utilizará para analisar o fenômeno. O quarto e último momento baseia-se na integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significado, as quais podem ser agrupadas em temas ou categorias em função das convergências dos significados atribuídos dessa colaboradora e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva geral do fenômeno.

2.3 Participante

A colaboradora desta pesquisa é uma travesti que frequenta as reuniões de uma ONG de apoio à população LGBT. Foram critérios fundamentais para sua inclusão i) aceitar participar da pesquisa; ii) ser travesti e iii) ter passado pelo processo de transformação corporal, seja pela administração de hormônios e/ou pela aplicação de silicone. A seguir, apresentamos o perfil socioeconômico da colaboradora;

antes, no entanto, é preciso esclarecer que a fim de preservar sua identidade, optamos pelo uso do pseudônimo Júlia. Esclarecemos, ainda, que o motivo pelo qual nos dirigimos a ela no feminino se deve ao fato de ela se sentir e se definir a partir deste gênero.

Júlia é uma travesti de 38 anos, nível escolar ensino fundamental incompleto, pertencente à classe D e que não tem religião. Ela fez uso de hormônios e silicone diversas vezes para feminilizar o corpo e atrair clientes. Sua atuação como profissional do sexo, conforme sua descrição, já passou dos vinte anos.

3 ANÁLISE COMPREENSIVA FENOMENOLÓGICA

3.1 Categorias de análise

De posse da descrição de Júlia e a partir dos passos apresentados anteriormente para o acesso ao seu mundo-vida, passamos à análise compreensiva que nos possibilitou o encontro dos sentidos atribuídos por ela às suas vivências. A partir daí elegemos as seguintes categorias:

Categoria 1 – Vivências iniciais: apresenta as primeiras vivências afetivo-sexuais de Júlia;

Categoria 2 – Fazendo o corpo: descreve as vivências de Júlia durante o processo de transformação do corpo com a administração de hormônios e silicone. Aqui, encontramos duas subcategorias: Hormonização e Plastificando o corpo.

Categoria 3 – O corpo na pista: nesta categoria, a colaboradora descreve os horizontes do mundo-vida e das vivências presentes no universo da prostituição.

Categoria 4 – Horizontes: nesta categoria, Júlia descreve suas perspectivas a respeito do mundo da pista e da travestilidade.

3.2 Análise compreensiva

Neste momento apresentamos a análise compreensiva da descrição de Júlia. A entrevista será analisada extensivamente trazendo as unidades de significados da descrição que conformam as categorias de análise. Desse modo, passamos à análise da primeira categoria: Vivências Iniciais.

“Eu comecei a me travesti eu tinha quatorze anos. Fui morar com outro rapaz que tinha a minha idade também de quatorze anos. Morei até meus dezessete, dezoito anos com ele. Eu me travestia pra ele, né, pro meu marido. Mas aí eu pensei em fazer pista e ele não deixava. Eu ia escondida pra rua. Ele ficou sabendo e me bateu, brigamos. Aí foi que nós separamos. Aí foi que eu virei travesti mesmo. Foi a primeira vez que eu fui pra SP e fui pra virar travesti e fazer ponto de rua à noite. Viver disso mesmo. Eu me separei também porque já não tava bom o relacionamento. Ele me agredia demais, me xingava. E a família dele não aceitava a gente junto”

A vivência de Júlia é peculiar porque, diferentemente de muitas travestis, ela não saiu de casa indo trabalhar diretamente na prostituição. Ao estabelecer um relacionamento homoafetivo, ela se desvia do caminho trilhado pelas jovens travestis. No entanto, como ela vive em um mundo recortado pelas relações de gênero, ela reproduz os papéis da vivência heterossexual: homem/mulher; marido/esposa; rua/casa. O potencial “marido” das travestis é o *bofe*, um “homem de verdade”, aquele que reproduz em seu comportamento os valores característicos da masculinidade hegemônica.

Pelúcio (2009) destaca que neste tipo de relacionamento os maridos das travestis são geralmente ciumentos e não gostam que elas “façam pista”; isto é, que elas estejam em situação de prostituição. Os que aceitam que elas trabalhem na prostituição o fazem para serem sustentados por elas. Porém, em sua maioria, maridos ou namorados de travestis não gostam de ser vistos com suas companheiras nas ruas ou outros locais públicos. E, principalmente, escondem seus relacionamentos de suas famílias de origem. Assumir para a família seu relacionamento com uma travesti é algo complicado e a aceitação pelos parentes parece ser mais complicada ainda devido ao preconceito.

As jovens travestis “se montam” para seus maridos, pois isso confere a elas um sentido de normalidade, legitimando sua feminilidade e reforçando os padrões da heteronormatividade. Nesse sentido, é comum que estejam interditas ao marido práticas que “masculinizem” a travesti e, por oposição, o feminilize: ver o pênis dela, tocar nele, procurar carícias anais, dentre outras.

Além de descrever sua relação com o ex-marido, Júlia nos expõe algo relevante, que é a importância da noite e do grupo de travestis para dar seguimento ao processo de ser travesti: “*Foi a primeira vez que eu fui pra SP e fui pra virar travesti e fazer ponto de rua à noite*”. Para ser “travesti mesmo” e **fazer seu corpo**, ela teve de sair de casa, viver na noite em contato com seu grupo de iguais. Essa perspectiva ela nos descreve da seguinte forma:

“Então, eu tinha uma prima que já tava em SP, ela já era travesti e me chamou pra ir morar na casa de uma cafetina lá. Lá tinha já umas meninas no pensionato. Eu fui, gostei de ficar lá e fui ficando. Foi lá que eu virei travesti. Trabalhando à noite e me prostituindo”.

Mesmo vivendo um relacionamento anterior à passagem ao mundo da pista, Júlia identifica que é neste ambiente e com outras travestis que ocorrerá sua entrada no processo de transformação, de tornar-se travesti. É comum a transformação das travestis começar com a ruptura do mundo intrafamiliar, seguido pela necessária imersão neste mundo-vida, onde elas encontram formas de sobrevivência e aprendem, ou potencializam, a modelagem corporal.

Nos territórios da prostituição, elas ganham dinheiro, encontram e fazem amigas, paqueram, compram roupas, aprendem técnicas corporais importantes e introjetam as regras desse universo. Na análise de Benedetti (2005), é na “batalha” que as travestis incorporam os valores e as formas do feminino idealizado, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, apreendem gostos

e preferências (especialmente os sexuais) e muitas vezes ganham ou adotam um codinome feminino.

Pelúcio (2009), em investigação acerca da vida das travestis profissionais do sexo em São Paulo, aponta o papel da prostituição como um espaço de pertencimento. A rua/pista/avenida ainda parece ser um espaço de referência, mesmo para aquelas que não buscam ali clientes, mas apenas um lugar de reconhecimento. Em alguns casos, parece ser necessário passar por essa experiência, devido ao seu caráter referencial, ainda que seja apenas para compreender que não é aquilo que se deseja.

Nesse novo mundo, Júlia começa seu processo de hormonização:

“Primeiro eu comecei tomando o hormônio. Aquelas injeções de duas vezes por dia. No começo fica mais feminina, pele bonita, mais arredondada. Mas se não tomar cuidado a neça [pênis] perde a força, você não sobe [ter ereção]”.

Observamos que Júlia vivenciou algumas dificuldades: hormonizar e feminilizar o corpo com o cuidado de não diminuir a ereção. Submetidas às demandas do mercado sexual que exige delas um pênis quando os clientes desejam ser penetrados, as travestis transitam pelo masculino e o feminino criando, assim, um universo de sentidos relacionado a ambiguidade corpórea. Rodrigo Borba (2011) observa que elas chegam a anunciar essa ambiguidade por meio da expressão “corpo de Eva com o melhor de Adão” em panfletos e anúncios de jornais para atrair clientes.

Diante da impossibilidade de ereção da travesti no relacionamento sexual com os clientes, elas, em geral, lançam mão de alguns artifícios. Um dos mais comuns é o recurso a outra modalidade de prática sexual, como o sexo oral. Outro recurso são os chamados “truques da mona”, enganando o cliente ao simular uma introdução anal com o pênis quando, na verdade, isso é feito com os dedos (PELÚCIO, 2011).

Se os hormônios geram efeitos colaterais, Júlia aponta os benefícios do silicone, o que observamos na subcategoria *plastificando o corpo*:

“Depois eu bombei, coloquei um pouco de silicone na minha bunda. Coloquei mais um litro aqui nos meus peitos. Com o tempo, eu fui progredindo. O meu cabelo foi crescendo porque antes eu usava mega-hair, né. Agora é natural mesmo. Pinto ele de loiro pra ficar mais chamativo, dá um brilho assim na noite, né. Você tem que ficar assim mudando pra não ficar batida, sabe? O cliente quer novidade, coisa diferente. ... Eu ainda faço pista a noite. Mas é muito pouco. Colocar o silicone foi dolorido, mas ficou mais satisfatório assim pra mim. Melhor que o hormônio”.

Para Júlia, as aplicações de silicone representaram um “progresso” na construção de seu corpo. As travestis fazem novas aplicações para corrigir erros das aplicações anteriores. Além disso, podemos observar outro importante elemento do universo travesti: o destaque dado ao cabelo. Este é usado como estratégia para chamar a atenção dos clientes: alongar e pintar os cabelos compondo cortes femininos ousados ou chamativos. Mexer nos cabelos longos é um ato muito usual entre elas, em uma tentativa de mostrar sensualidade (PELÚCIO, 2009).

Júlia corrobora a crença na “dor da beleza” como algo necessário à condição travesti. Para Andrieu (2004) a postura de suportar a dor reveste este evento com o caráter de um ritual de passagem, de uma inscrição simbólica que, no próprio ato de sua consolidação, permite ao sujeito passar a um novo estado. Esse é o caso, notório, de muitas práticas coletivas próprias a diferentes culturas que ritualizam intervenções irreversíveis sobre o corpo como separação de uma determinada condição de iniciação e alcance do novo status. O processo de transformação autoriza atos e gestos diferentes e Júlia tem sua autoestima acentuada.

Muitas travestis dizem que o silicone é algo “divino” porque transforma o corpo rapidamente (PELÚCIO, 2011). Paradoxalmente, o desejo de ter um corpo feminino “bombado” se sobrepõe aos riscos implicados nessa construção. No entanto, como observou César Sabino (2004) em sua pesquisa entre fisiculturistas cariocas, antes de julgar esses procedimentos utilizados na busca de um corpo específico como ignorância ou irracionalidade, devemos observar o aspecto social que confere significado a tal prática. Esta, frequentemente, está imersa em sistemas simbólicos com lógica própria, onde a dor e o sacrifício aparecem como preço a ser pago e possibilitam a aceitação em grupo restrito.

Apesar de apelar para “coisas diferentes”, Júlia tem poucos programas devido à sua idade. Duque (2011) aponta que as travestis que aplicaram muito silicone no corpo, como é o caso de Júlia, são chamadas de “travecões”. Estas também são denominadas “penosas” por causa da precária condição financeira que possuem e que não permite fazer aplicações em clínicas de estética (DUQUE, 2011). Além disso, outros fatores são destacados por Júlia na categoria *o corpo na pista*:

“A vida da prostituição nunca teve problema com eles [família] não. Pra mim deu problema por causa das drogas. Eu já fui usuária de crack, fumei durante um tempo. Não mexo mais com isso mais. Mas ainda cheiro pó de vez em quando. Assim, tem que usar a droga pra aguentar a noite, né? Acho que ninguém consegue levar essa vida sem cheirar, sem fumar. ... E eu tenho o caso da Aids, tenho HIV positivo. ... Hoje eu faço tratamento no ambulatório [DST/AIDS] sou portadora do HIV. E por isso faço tratamento lá na DST. Eu tomo os remédios, mas eles me deixam muito fraca, sabe? E tem aquela doença ... lifo ... distrofia, é isso? [lipodistrofia], que deixa a gente mais magrinha. Fica fraca. Eu acho que é por isso, pela doença que eu tenho pouco programa”.

Júlia traz à tona aspectos que assombram muitas travestis: a dependência química e a contaminação pelo HIV. Para Peres (2011), síndromes psiquiátricas como crises de ansiedade, angústias e quadros graves de depressão muitas vezes levam as travestis a recorrer ao uso abusivo de álcool e drogas, aumentando os níveis de vulnerabilidades que as expõem aos riscos de estigmatização e de exposição à infecção às DST/AIDS. Peres (2011) ainda destaca que o vício se torna o recurso acionado para contornar as pressões cotidianas, o insucesso com o processo de feminilização, o envelhecimento, a solidão e o estigma.

Existe, ainda, uma visão que tende a endemizar a AIDS como própria das travestilidades. A AIDS tem sido termo de acusação e como tal é atribuída para sujar, comprometer e desvalorizá-las (PELÚCIO, 2009). Pode ser, também, experimentada como culpa ou consequência de uma vida desregrada, marcada por uma sexualidade exacerbada e pelo rompimento das normas. Duque (2011) aponta que a noção de culpa e de impureza entre as travestis cria o sentimento de medo diante de determinadas doenças. Afinal, para muitas travestis, “contrair a doença através da prática sexual parece depender mais da vontade, e, portanto, implica culpabilidade” (DUQUE, 2011, p. 116). Ao assumir a culpa por seus “deslizes”, reforçam os sentimentos de inferioridade que já se mostram intensos em seu cotidiano.

O rol de dificuldades pelas quais passam as travestis que estão “na pista” é longo – repressão policial, assaltos, brigas, ofensas proferidas pelos transeuntes. Até “pegar o jeito”, medo e insegurança são uma ameaça a ser enfrentada pelas travestis que se prostituem. O corpo precisa aprender a suportar o frio, os longos períodos em pé, o sono e muitos outros desafios.

Os desafios enfrentados por Júlia hoje são outros – as consequências do tratamento do HIV. Os coquetéis e remédios tomados geram diversos efeitos: emagrecimento, náuseas, vômitos, queda de cabelo etc. A autoestima também diminui devido às mudanças corporais e, principalmente, pelo preconceito das pessoas que interagem com ela. Pelúcio (2009) aponta que o modelo preventivo de apoio às travestis muitas vezes tem como foco apenas o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis; no entanto, negligenciando o suporte psicológico e social a esta população. “‘SIDAdanizadas’, as travestis precisam abdicar de uma cultura própria, sem terem uma contrapartida que faça suas vidas mais habitáveis” (PELÚCIO, 2009, p. 132).

Apesar dos muitos tropeços reservados para as que enfrentam as fronteiras de gênero insistentemente demarcadas, Júlia procura manter-se “no salto”. Nesse sentido, ela traz uma reflexão sobre a condição das travestis, conforme observamos na categoria *horizontes*:

“Assim eu queria falar uma coisa tipo ... uma mensagem assim, pode?... Pras meninas que tão caindo agora [entrando na prostituição] eu dou conselho. Eu falo pra não usar a droga. Né, usar bastante camisinha. E se tiver um jeito delas sair fora e não ir pra prostituição, procurar assim um caminho profissionalmente pra elas trabalharem, seria bem melhor pra elas do que nós que vivemos no passado, e eu que vivo até hoje, dependendo da rua. Que é meio doloroso, que é meio difícil porque tem muita covardia na rua. Eu sempre falo pras mais novas que estão caindo agora que não pode ficar assim sem saber sobre as coisas, os perigos da noite”.

Nesta descrição de Júlia, observa-se sua reflexão acerca da condição travesti e do seu mundo-vida. Júlia deixa para as travestis mais jovens um conselho importante a respeito de duas questões que perpassam as travestilidades na atualidade: uma que se refere à restrição do uso das drogas e outra acerca da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Aqui, se desvela o pressuposto de que apenas a

profissional do sexo tem como obrigação se cuidar, isto é, usar preservativos em todas as relações e se afastar das drogas. Essa assimetria de obrigações e deveres desincumbiria o cliente de ter ele próprio de usar camisinha e de não oferecer drogas para as travestis. Aliás, as travestis e as outras profissionais do sexo são os alvos preferenciais das campanhas de conscientização – dificilmente consegue-se chegar aos seus clientes para se fazer intervenções de orientação e conscientização (ROMANO, 2008).

É preciso que se considere, com relação ao comportamento dos clientes, que os momentos que antecedem o ato sexual, de fato, podem ser tensos e angustiantes. Há o medo de ser visto por conhecidos, os conflitos internos em relação à sua prática sexual, ao mesmo tempo em que há a excitação de estar fazendo algo transgressor, de realizar uma fantasia, e de estar diante da orientação do desejo que os atrai, de uma sexualidade que os atrai e repugna ao mesmo tempo (PELÚCIO, 2009). Com tudo isso, a camisinha torna-se um elemento que, muitas vezes, só é lembrado no fim do ato sexual ou quando (e se) a travesti propõe. Contrair AIDS ou qualquer outra doença sexualmente transmissível é um medo que está subsumido ao da perda da masculinidade, este sim, acontece corriqueiramente, quando alguém é flagrado ou apontado como cliente de travestis (PELÚCIO, 2009).

Júlia descreve a possibilidade que as travestis têm hoje de procurarem outro tipo de trabalho. No entanto, ao transitar entre os gêneros, as travestis acabam por levantar suspeitas sobre sua honestidade e seu caráter. Assim, muitas empresas não as contratam, restando a elas a iniciativa de se proverem com as próprias mãos e procurarem seu sustento naqueles setores da economia em que há tolerância à travestilidade: os salões de beleza e de moda, as cozinhas de restaurantes etc.

Para Luciene Jimenez e Rubens Adorno (2009), o contexto homofóbico no espaço escolar e no mercado de trabalho não deixa dúvidas quanto à rejeição àquelas que não conseguem se invisibilizar: as travestis e as transexuais. Além disso, os autores observam como gays e lésbicas parecem ser alvos diferenciados da homofobia comparativamente às pessoas *trans*, o que implica estratégias diferenciadas de torná-las invisíveis no mercado de trabalho e as lançam em complexos contextos de negação e/ou negociação da visibilidade de suas identidades sexuais. Conforme relata uma travesti entrevistada pelos autores: *"Firma não dá camisa pra viado, não!"* (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 352).

Assim, ser diferente em áreas onde a heterossexualidade é compulsória, como o mercado formal de trabalho, não há muitas oportunidades para as travestis participarem ou competirem neste setor. Elas muitas vezes acabam escolhendo atividades onde se sentirão menos discriminadas.

Da análise da descrição de Júlia, observa-se a necessidade das travestis buscarem novos trabalhos e reivindicarem seus direitos. Hoje a maior presença das travestis em espaços fora dos guetos (em revistas, programas televisivos e nas ruas), o crescimento do movimento social por direitos e dignidade e o surgimento e barateamento das tecnologias estéticas está conformando uma nova geração de travestis (DUQUE, 2011). Em alguns anos, as ruas e avenidas, do Brasil ou da Europa, possivelmente não serão

mais o lugar privilegiado de construção da subjetividade e corporeidade travesti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população LGBT vem ganhando espaço, ocupando cargos públicos, conquistando políticas e programas sociais que apoiam suas causas. As travestis dentro desse cenário passaram a atuar como um segmento, inclusive fundando, nos anos 90, a Articulação Nacional das Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA), na perspectiva de criar uma agenda de reivindicações específica para o público *trans*.

Junto com a mobilização política observa-se também o aumento de pesquisas (PELÚCIO, 2009; KULICK, 2008; DUQUE, 2011; TEIXEIRA, 2008) e programas de apoio a esta população. Muitas vezes, fomentadas por programas de saúde pública e redução de danos, as pesquisas enfocam a cultura da travestilidade com o objetivo de compreender os significados e os sentidos que estas pessoas atribuem ao corpo, à sexualidade, ao uso de hormônios, às aplicações de silicone, ao consumo das drogas lícitas e ilícitas etc.

Dar voz às travestis possibilita compreender este universo particular que se desenvolve no corpo e na rua. Na rua ou “pista”, a travestilidade surge como uma linguagem, um modo de ser com o qual as jovens travestis devem se identificar e construir a sua subjetividade e ser compreendidas na sua maneira de ser, sentindo-se pertencentes a uma cultura. Contudo, o pertencimento e a proteção do meio não são absolutos, eles são determinados pelas regras do ambiente e pelas condições de concorrência do mercado sexual; neste sentido a travesti tem de ter um “jogo de cintura” para lidar com a agressividade dos clientes, com o poder das cafetinas e com a competição das outras travestis (PELÚCIO, 2009; KULICK, 2008; DUQUE, 2011; TEIXEIRA, 2008).

Essa ambiguidade do meio também se observa em seus corpos. Ao iniciar o processo de transformação, a travesti mantém o cuidado constante de sua corporalidade (PELÚCIO, 2009). Os hormônios ajudam a reduzir as características masculinas, diminuem os pelos, a barba, arredondam as formas e suavizam a voz (KULICK, 2008). No entanto, conforme argumentado acima, a hormonização pode afetar o desejo sexual e engordar as travestis. Elas devem, então, procurar o equilíbrio para não perderem a forma nem os clientes que desejam ser penetrados (GARCIA, 2009).

Se há a necessidade de se conter no uso dos hormônios, as aplicações de silicone exigem um cálculo mais elaborado e demorado. A prática de “bombar” o corpo é um processo mais perigoso e se feito de qualquer forma pode ter consequências desastrosas para a vida da travesti. Neste sentido, elas procuram conhecer os locais do corpo mais apropriados para aplicar o silicone, a “bombadeira” mais “capacitada” para fazer o trabalho e mobilizam recursos econômicos e psicológicos para conseguir passar por esse processo arriscado e doloroso.

Dessa forma, a vivência travesti se dá pela “*trans*-corporeidade” e no universo da prostituição. Estas duas dimensões interagem de forma indistinta porque o corpo está enraizado no mundo. Nossa colaboradora Júlia nesta pesquisa compartilhou sua vivência e nos relatou sua história de vida; com ela compreendemos que a travestilidade é construída em um jogo contínuo no qual o corpo, a sexualidade e o gênero se reconstroem concomitantemente na relação com os outros e com seu mundo-vida. Para Júlia, pertencer ao gênero masculino ou feminino não esta inscrito nos seus genes ou na sua biologia como algo definitivo, mas se reconfigura na relação com os outros: maridos/namorados, clientes e colegas travestis. Compreender o mundo-vida de Júlia e de outras travestis é importante para pensar sobre a vulnerabilidade desta população e criar dispositivos de proteção e de enfrentamento à violência e à discriminação.

REFERÊNCIAS

ANDRIEU, Bernard. **A nova filosofia do corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: corpo e gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BORBA, Rodrigo. Narrativas orais e (trans) masculinidade: (re)construções da travestilidade (algumas reflexões iniciais). **Bagoas**, n. 06, p. 181-210, 2011.

BRUNS, Maria Alves. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar os impasses da dicotomia subjetividade/objetividade. In: BRUNS, Maria Alves; HOLANDA, Adriano (Org.). **Psicologia e pesquisa fenomenológica**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007. p. 65-76.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis. São Paulo: Annablume, 2011.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?** movimento homossexual e produção de identidades coletivas

nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FURLAN, Reinaldo. A questão do método na psicologia. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, p. 25-33, 2008.

GARCIA, Marcos. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicologia USP**, v. 20, n. 4, p. 597-618, 2009.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 33, 2009.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOREIRA, Daniel. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2004.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: FAPESP, 2009.

_____. Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. **Bagoas**, n. 06, p. 15-47, 2011.

PERES, William. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: UZIEL, Ana Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard (Org.). **Construções da sexualidade**: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 115-128.

_____. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, F.; SABATINE, T. (Org.). **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 69-104.

ROMANO, Valéria. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 211-219, 2008.

SABINO, César. **O peso da forma**: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. 2004. Tese (Doutorado

em Ciências Humanas – Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://sociologia.com.br/divu/colab/d20csabino.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

SILVA, Hélio. **Travesti**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TEIXEIRA, Flávia. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. Dossiê: Gênero no tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 275-308, 2008.

TEIXEIRA, Flavia; ROCHA, Rita; RASERA, Emerson. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: MISKOLCI, R.; PELÚCIO, Larissa (Org.). **Discursos fora da ordem**: sexualidades, saberes e direitos. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012. p. 155-178.